



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RONY LEAL PANZANI

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado: Rony Leal Panzani

Nascimento: 10 de julho de 1935.

Local da entrevista: residência do entrevistado

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 08.01.2015

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação:

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Registro sobre doação de acervo ao CEME; Identificação; Data de nascimento e Naturalidade; Início na dança; Escola de bailados do Teatro Municipal do Rio de Janeiro; Espetáculo Dom João Tenório; Trabalhos na televisão; Viagem a Paris; Corpo de Baile Marquês de Cuevas; Viagem para Holanda; Opera de Marceille; Roland Petit; Alcazar de Paris; Viagem para Estados Unidos com Grand Ballet Classic de França; Outros cursos; Retorno ao Brasil; Aulas em São Paulo; Aulas de balé no Grêmio Futebol Porto Alegrense; Participação com partner no espetáculo da Escola de Dança João Luiz Rolla; Participação em outros balés de escola de Porto Alegre; sobre a Escola de Dança do Professor João Luiz Rolla; Espetáculos de Dança; Relação entre as escolas; Encerramento da escola; Núcleo de Dança da Casa de Cultura Mario Quintana; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 06 de janeiro de 2015. Entrevista com Rony Leal Panzani a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

[início da entrevista] ¹

R.L. – Todo este acervo que eu tenho aqui eu vou doar pra vocês no CEME desde que lá tenha uma vitrinazinha pra mim como tem para outros bailarinos![riso]

M.L. – Certamente Rony!

M.L. – Então vamos começar, gostaria que me dissesse teu nome completo.

R.L. - Rony Leal Panzani.

M.L. – Qual tua data de nascimento?

R.L. – 10 de julho de 1935.

M.L. – Tu és natural de onde?

R.L. – Porto Alegre. Eu vivi sempre no Higienópolis.

M.L. – Gostaria que tu contasses como iniciou tua trajetória na dança.

R.L. – Foi em 1954. Eu comecei na Tony ² meu primeiro espetáculo de dança foi “Sonho de uma noite de verão” eu tinha dezessete anos. Dancei este espetáculo com a Tony e depois ela abriu a escola na Cristóvão Colombo e daí eu continuei. Eu quando comecei um detalhe importante, não tinham lojas que vendiam sapatilhas essas coisas assim. Quando eu comecei em 54 a gente comprava ceroula e tingia de preto para fazer malha porque não tinha.

M.L. – Tu fizeste todo curso de balé com a Tony?

R.L. – Fiz Todo o curso com ela.

M.L. – E tu tiveste formatura Rony?

¹ O entrevistado iniciou a entrevista manuseando vários documentos históricos sobre sua trajetória na dança.

² Antônia Seitz Petzhold.

R.L. – Não. Não porque veio o Emilio Martins, muito amigo da Tony, e me convidou para passar umas férias no Rio de Janeiro. Ele já estava no municipal do Rio de Janeiro ele era bailarino da Lya³ mas era radicado no Rio de Janeiro. Eu fui e gostei muito. Fiz um exame em 1957 para entrar na escola de bailados do Teatro Municipal no Rio de Janeiro e eu entrei para o corpo de baile. E em 1959 estava maitre de balé do corpo de baile Eugênia Feodorova e ela ia montar pela primeira vez o Lago dos Cisnes em quatro atos. Foi a primeira vez que se dançou o Lago dos Cisnes no Brasil em quatro atos. Até então se dançava fragmentos. E ela veio da Rússia para montar este balé. Ela precisava de pessoas jovens que tivessem disponibilidade porque o corpo de baile era um pouco antigo. Então todas as pessoas do corpo de baile ela requisitou. Então nós éramos bailarinos estagiários do corpo de baile. Nós fazíamos aula na escola e também fazíamos aula com ela. Onde estava o Antonio Carlos Cardoso, a Jane Blauth⁴, Carlos Moraes e ai fiquei lá. Eu era estagiário do corpo de baile.

M.L. – E qual era a diferença dos estagiários do corpo de baile?

R.L. - Nós dançávamos mais. Porque no corpo de baile eram contratados bailarinos velhos que não tinham mais técnica e a gente tinha sangue novo. Então eles contratavam como estagiários.

M.L. – E estes estagiários se apresentavam?

R.L. – Sim, nós dançávamos e dançávamos melhor que os outros. Nós éramos chamados de estagiários por que o corpo de baile tinha um número x de bailarinos, de contratados e não podiam contratar mais. Eram mais ou menos quarenta bailarinos e os estagiários substituíam os bailarinos do corpo de baile.

M.L. – Tu dançavas somente em balés?

R.L. – Isso é uma coisa importante: eu fui para o Rio de Janeiro e a gente fazia tudo não é? Então teve um espetáculo chamado “Dom João Tenório” que quem atuava e dirigia era Rodolfo Meyer. Também a Iracema de Alencar que era gaúcha. Era no teatro e Dom João Tenório era uma tradução de Manuel Bandeira e os figurinos e o cenário era de Salvador Dalí! Eu dancei e esse cenário e figurinos vieram todos da França. Nessa época eu fazia

³ Eliane Clotilde Bastian Meyer Schimitz.

⁴ Jane Blauth da Costa.

também muita televisão. Trabalhei no Teatro Tiradentes. Eu fiz “De Cabral a JK” com Marília Pera⁵, com coreografia de Dennis Gray isso foi em 1959. E aí veio o grande balé Marques de Cuevas⁶ para o Rio de Janeiro onde a maitre de balé era Bronislava Nijiska, a irmã do Nijiski⁷. Eu sempre fui muito curioso e eu fui pedir pra fazer aula com ela. Ela disse: “ah!sim, sim!” E o tempo todo que ela esteve no Rio de Janeiro eu fiz aula com ela. Não era aula, era ensaios com um pouco de aula. Sabe o que é eu sempre fui muito metido. Eu sempre fui muito interessado pela dança. Eu sempre gostei. Eu gostava de dança e queria fazer do meu metier à dança. Quando ela terminou que ia embora acho que era julho de 60 eu peguei um buquê de flores e fui agradecer a ela. E ela me disse: “olha nós vamos montar a Bela Adormecida não podemos te levar junto porque agora está completa a companhia. Mas se você pode estar em Paris nós vamos te contatar.” Bah! fiquei doido. O corpo de baile pagava três meses. E o que eu vou fazer? Fui ver o Paschoal Carlos Magno no Itamaraty. Fui lá e pedi uma passagem e eles me disseram: “olha nós damos algumas passagens para estudantes, mas é no Lloyd Brasileiro⁸” é um navio cargueiro que leva café. Então eu fui lá com cartão do Itamaraty e pedi uma passagem e eles me disseram: “está tudo ocupado por estudantes, só se houver uma desistência.” E houve uma desistência! Eu vim pra casa e disse: “eu vou embora!” Aí me disseram: “Tu tá louco!” Mas eu já tinha dezoito anos. Meus pais não queriam que eu fosse. E eu fui só com dinheiro para ficar uma semana, com a cara e a coragem. Mas com muita vontade e com as duas pernas para trabalhar! E fui. Levamos vinte e oito dias no navio porque parava não é... Desembarquei no Porto de Marcelle, peguei um trem fui para Paris. Eu quando fui para Paris foi sem técnica, fui sem nada. Eu não tinha técnica e na época, mas eu pensei ficar aqui sem estar recebendo é melhor eu tentar fazer uma carreira em Paris e lá eu aprimorei a técnica. Cheguei lá no Teatro Champs Elysées e ela estava ensaiando e ela me olhou e disse: “mas como?” ela disse em Russo. Ela disse: “então tu vai ficar como estagiário” e eu disse: “está bem.” Então quando eu saia do corpo de baile do Marquês de Cuevas e iam começar a ensaiar os solistas eu pedia para assistir. E aí um solista no dia estava doente: “quem é que sabe?” “Eu sei!” Eu sabia por que eu assistia e prestava muita atenção. E o maitre de balé era o Daniel Seie. Uma semana depois estava dançando a Bela Adormecida. Nós tínhamos todos os dias domingos, matinês, e soirré bela adormecida em quatro atos. E o Marquês de

⁵ Marília Marzullo Pêra.

⁶ Jorge Cuevas Bartholín.

⁷ Vaslav Nijinsky.

⁸ Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro.

Cuevas estava para morrer, estava muito doente e ele que sustentava... E aí todo mundo dizia: “e como vai ser?” Não tinha contratos, mas eu tenho comprovantes. Nesta época dançava Beatriz Consuelo⁹, também dançava a Tereza D’Aquino do Rio de Janeiro. Brasileiros era só isso. A Beatriz Consuelo, que foi aluna do Rolla na Tony, dançava o pássaro azul. E vem então um maitre de balé da Holanda e eu fiz uma audição e ele me contratou como grand sujet que é meio solista, meio corpo de baile. E todo mundo me disse: “vai pra Holanda porque o balé aqui vai terminar.” Eu fui em janeiro e fevereiro a companhia do Marquês de Cuevas se desfez em Paris. Assim que eu comecei.

M.L. – Quanto tempo tu ficaste fora do Brasil?

R.L. – Vinte anos em Paris. Depois eu ficava indo e voltando em turnê, mas com residência fixa em Paris. Eu tenho duas aposentadorias da França pela Vila de Paris porque eu pagava todos os meus impostos e outra pelo Les Conges Spetacles como artista. Ainda bem não é? Se não, aqui no Brasil não sei como eu ia fazer... [risos] Depois eu fui para Opera de Marceille fiquei dois anos lá, onde eu dancei com Rodolfo Nureiev La fille Malgardee. Fiz diversas turnês. Fiz uma turnê do oriente que sai em outubro e voltei em maio. Fiz todo o Oriente. Depois conheci Rolante Petit do Ballet de Paris. E Rolan Petit andava, andava atrás de mim até que me convenceu e eu fiquei no Rolan Petit o que foi muito bom. Ele morreu faz três ou quatro anos. Uma grande perda para o balé. Ele até me mandou um vídeo dos dez anos dele. Os principais balé que ele fez. E assim foi chegou uma hora que eu disse: “fiz tanta coisa...” entrei pro Alcazar de Paris onde eu comecei a dançar musical. Ganhei muito dinheiro e fui para os Estados Unidos também ganhei muito dinheiro.

M.L. – Quanto tempo tu ficaste nos Estados Unidos?

R.L. - Fiquei uns três meses nos Estados Unidos, mas eu sempre retornava para Paris. Eu fui com o Grand Ballet Clássic de França para os Estados Unidos. Fiz toda a Califórnia. Os contratos que eu sempre fiz eram de seis meses. E depois eu voltei e em um segundo momento eu fiz cursos de maquiagem, de alta costura, para saber como trabalhar com a dança não é? Já não podia dançar todo tempo. Então me aprimorei para ficar envolvido em alguma produção de dança. E aí depois eu resolvi, a minha família me disse, a minha mãe e meu pai me disseram: “vem pra cá, vem pra cá!” E em todas as férias que eu vinha pra cá

9

ficava assim uns vinte dias eu achava o Brasil maravilhoso. Quando eu sai daqui se tu queria uma galinha tu tinha que ir ao mercado comprar. Tu ia a um armazenzinho que tinha um saco grande que vendiam batatas. Depois de uns dez anos eu chegava e tinha uma prateleira com diversas marcas de óleo. Um avanço enorme. Então eu disse: “olha com tudo que eu sei nesses vinte anos que eu estou aqui em Paris eu posso fazer muita coisa que eu aprendi em Paris.” E vim pra cá. E a Jane Blauth me convidou para ir para São Paulo ela tinha uma grande escola. Eu dancei em São Paulo dava aula com ela lá. E depois eu vim pra cá e fui maitre de balé numa escola que tinha no Grêmio Futebol Porto alegre¹⁰ no departamento de dança.

M.L. – Em que ano tu voltaste para o Brasil?

R.L. – Em 1960 em voltei para o Brasil e fui para São Paulo. Em 65, mais ou menos, eu voltei para Porto Alegre.

M.L. – E como foi que aconteceu a aproximação a João Luiz Rolla?

R.L. – Quando eu fui dançar na Tony em 54 o Rolla não estava mais lá. Estava o Souvarinne¹¹ que dançava lá. Depois quando o Souvarinne abriu a sua escola dancei também com o Souvarinne.

M.L. – Nesta época de 1954 tu já conhecia João Luiz Rolla?

R.L. – Sim. Ele já tinha a sua escola ali na Marechal Floriano.

M.L. – Nesta época de 1954 tu dançaste com a escola de João Luiz Rolla?

R.L. – Não. Mas logo que eu cheguei em 1965 ele me convidou para dançar La Sylphide. Dancei com a Regina Guimarães. Essa vez que eu dancei com a escola do Rolla ele me contratou. Ele me chamou e me disse: “olha eu quero que tu dance com a Regina.” Isso foi em 80. Quando eu cheguei eu fui dançar na Tony e ele me chamou. Foi até a Regina quem me chamou e foi com a Regina que eu dancei.

M.L. – Me fala sobre o que tu lembra do professor Rolla.

¹⁰ Clube de Esportivo.

¹¹ Souvarine Louniev.

R.L. – Ele era muito exigente, mas muito estudioso. Ele sabia tudo compreendeu? Agora, graças a deus, tem vocês da universidade que estudam os fatos como começaram, mas antigamente não tinham professores que estudavam... Agora vou te dar o meu depoimento do que é agora. É claro que houve muita evolução, mas tem muita coisa agora que eu não entendo mais. Eu fiz um pouco de dança na Sorbonne, mas eu estudei música também porque para fazer uma coreografia a gente tinha que ler a partitura musical. Eu aprendi assim. Isso me ajudou muito. Batimentos fortes tem que ser com movimentos fortes, adágios com movimentos lentos, era assim na minha época. Agora tem gente que se estrebucha pelo chão, que rola pelo chão, uma coisa que eu não entendo, mas agora tudo é dança. O que eu vou fazer? Vou discutir?

M.L. – Deste balé que dançaste na escola dele o que tu lembras?

R.L. – Por exemplo La Sylphide ele andava com uma partitura na mão ele estudava muito.

M.L. – Nesta época como era ser homem e dançar balé?

R.L. - Não era bem visto sabe, mas como era o Souvarine e ele e os dois eram partners da Tony. E como não tinham bailarinos então o Rola me chamava, e o Souvarine me chamava para dançar. Dona Lya me chamava. Eu dancei com ela Rapsódia Azul em 1956. E tudo a gente dançava com orquestra. Sabe o que é, antigamente, a Dona Lya fazia assim, por exemplo, a Boutique Fantástica. Não existia luz negra. Então ela pintava as botinhas de vermelho com tinta fosforescente. Determinado momento da coreografia às bailarinas entravam todas de preto com aquelas botinhas fosforescentes no escuro. Tudo era muito adaptado. Mas existia se dançava com orquestra e funcionava.

M.L. – Naquela época o que representava a Escola de João Luiz Rola?

R.L. – Ela era muito boa. Muito boa, muito boa era uma continuação da Tony. Porque ele estudou com a Tony. Era uma ramificação, uma continuação da Tony. Ele era muito exigente e muito estudioso.

M.L. – Tu assistiu espetáculos da escola de João Luiz Rolla?

R.L. – Sim assisti Aparições.

M.L. – E qual tua impressão?

R.L. – Muito Bom! Ele fez no Teatro São Pedro. A interpretação dele era muito boa. Tinha uma bailarina dele, Manon, que dançava muito bem. Era uma das melhores escolas de Porto Alegre. O Rola era muito criativo. Comparando ele com Souvarine ele foi mais que o Souvarine. O Rola sempre dançou até o final da vida dele. E o Souvarine foi lá pra ESEF ser secretário da ESEF.

M.L. – Como eram as relações entre as escolas?

R.L. – Existia muita concorrência mas uma boa concorrência. A Tony não gostava que a gente fosse assistir espetáculo da Lya. A Lya não gostava que a gente assistisse espetáculo da Tony. Mas a gente assistia escondido [risos] porque eram só duas ou três que tinham escolas aqui. Então existia um pouco de rivalidade sim.

M.L. – Depois dessa apresentação com Rola tu participou de mais alguma?

R.L. – Não. Somente essa. Porque depois eu fui para São Paulo e fiquei de oitenta e sete em São Paulo. Lá eu dava aula na escola de dança Jane Blauth.

M.L. – O que tu sabes sobre o encerramento da escola de João Luiz Rolla?

R.L. – Quando eu voltei de São Paulo ele ainda não tinha bem acabado a escola. Mas as pessoas começaram a se casar a Regina já não ia mais e aí ele resolveu fechar.

M. L. – Nessa época tu tiveste contato com ele?

R.L. – Eu tive mais pouco contato. Já era no Araújo Viana. E aí um dia ele estava muito triste e ele me contou que pediram o espaço ali do Araújo Viana e ele me disse: “Rony pra onde que eu vou?” E ele tinha uma sala grande na rua da praia mas o teto era baixinho não dava para dar aula. Depois quando ele ficou mal aí venderam aquela sala. Até a Carlota às vezes ensaiava ali. Na rua da praia em frente à Casa de Cultura Mario Quintana. Ele morava na Osvaldo Aranha.

M.L. – Lembra do teu último contato com ele?

R.L. – A última vez me disseram que ele estava no Araújo Viana e eu fui lá visitá-lo. Cheguei lá e ele não estava e me disseram: “tal dia ele estará aí”, pois ele estava meio doente. Daí voltei e ele me disse: “daí Rony...” e ele me convidou pra ir no café em frente. Nós éramos amigos escrevia pra ele de Paris. Eu mandava cartões postais pra ele. Ele

respeitava muitas pessoas ele não é de brigar. Porque eu era aluno da Tony então não podia falar com ele? Não. Ele respeitava. Pergunta pra Regina qualquer lugar que eu vinha do Rio de Janeiro, São Paulo a primeira coisa: “ele me chamava pra dar aula.” Eu dava aula para as meninas mais adiantadas para atualizar o que estava acontecendo no Rio de Janeiro, em São Paulo. Ele não fazia aula, ele observava. E depois eu encontrava com a Regina e ela me dizia: “Rony nós ainda estamos fazendo à mesma barra que tu nos deu em aula.” [risos] Era uma época muito boa, era uma época muito sã. A Tony, o Rola e a Dona Lya nos botaram aquela sementinha.

M.O. – Gostaria de registrar mais alguma coisa?

R.L. – Sim, de 2007 a 2010 eu dirigi o Núcleo de Dança da casa de Cultura Mario Quintana. Inclusive em 2010 montamos o Quebra Nozes com as escolas de bale da Maria Cristina Futuro e Isabel Beltrão. Hoje sou do Conselho da ASGADAN - Associação Gaúcha de Dança e também faço Relações Públicas para os grupos e escolas de dança.

M.L. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista

[FINAL DA ENTREVISTA]